

A INVISIBILIDADE EM PAUTA: UM OLHAR SOBRE AS CATADORAS/RECICLADORAS DE SANTA MARIA, RS¹

THE INVISIBILITY AT ISSUE: A LOOK AT THE PICKERS/RECYCLERS FROM SANTA MARIA, RS

**Gabriela Iensen², Fernanda Pedroso², Leonardo Bedin², Matheus Oliveira²,
Renata Teixeira Machado² e Rosana Cabral Zucolo³**

RESUMO

Este artigo relata a experiência do projeto que busca dar visibilidade a um ofício invisibilizado pela sociedade. Ao retratar a identidade de mulheres inseridas no trabalho da reciclagem, por meio de um documentário audiovisual, busca-se registrar a singularidade dentro do coletivo na (con)vivência da Associação de Recicladoras da Vila Pôr do Sol (ARPS), localizada no bairro Nova Santa Marta, região periférica da cidade de Santa Maria, RS. A proposta desenvolvida endossa a importância da discussão de temas como a discriminação de gênero, e envolve a abordagem de dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas de organização, construção de identidade coletiva e de empoderamento das trabalhadoras, levando em consideração as condições sociais nas quais tais mulheres estão inseridas.

Palavras-chave: gênero, reciclagem, vídeo documentário.

ABSTRACT

This article reports the experience of the project that aims to give visibility to a hidden job in society. When portraying the identity of women inserted in the work of recycling, through an audiovisual documentary, it is sought to register the singularity within the collective in the (con) experience of the Association of Recyclers of Vila Pôr do Sol (ARPS), located in the neighborhood Nova Santa Marta, peripheral region of the city of Santa Maria, RS. The developed proposal endorses the importance of discussing issues such as gender discrimination, and involves the approach of economic, socio-environmental and organizational dynamics, construction of collective identity and empowerment of women workers, taking into account the social conditions in which such women are inserted.

Keywords: gender, recycling, documentary video.

¹ Trabalho oriundo das disciplinas de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária I e II.

² Acadêmicos do curso de Jornalismo - Centro Universitário Franciscano. E-mails: fernandacoutopedroso@gmail.com; iensengabi@gmail.com; leonardobedinjordao@gmail.com; matheusvkn@gmail.com; retyteixeira@gmail.com

³ Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: rosana@unifra.br

INTRODUÇÃO

A iniciativa de desenvolver um trabalho junto à Associação de Recicladoras da Vila Pôr do Sol (ARPS) emergiu durante as disciplinas de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária I e II do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, voltadas à inserção e mediação de acadêmicos de comunicação em diferentes comunidades, desenvolvendo a percepção do que é cidadania. O projeto começou a ganhar forma no final do ano de 2015, após debate e sugestões de pautas entre cinco acadêmicos que escolheram abordar a temática reciclagem/sustentabilidade na vida cotidiana da cidade. A partir de uma conversa com a professora Dirce Stein Backes⁴ - que coordena desde 2013 um projeto com a ARPS, denominado “Educação Popular em Saúde por Meio de Práticas Socialmente Empreendedoras”, os estudantes motivaram-se a trabalhar com o grupo e engajar-se na percepção apurada do cotidiano da entidade.

Fundada em 2005, a Associação de Recicladoras da Vila Pôr do Sol (ARPS) é formada atualmente por onze membros, sendo dez mulheres e um integrante do sexo masculino, que atuam diretamente no trabalho de coleta e separação de materiais reutilizáveis.

O contato com o grupo de trabalhadoras evidenciou ser possível produzir um documentário, abordando a problemática que envolve a condição de gênero e, ao mesmo tempo, inserir e proporcionar maior visibilidade à Associação e às suas demandas. Surgiu o projeto “A invisibilidade em pauta: um olhar sobre o grupo de catadoras/recicladoras de Santa Maria”, que tem como objeto a Associação de Recicladoras da Vila Pôr do Sol (ARPS).

Era sabido que abordar o papel da mulher enquanto recicladora seria uma tarefa complexa, ainda mais no audiovisual. Com a intenção de retratar o cotidiano das protagonistas e evitar clichês, a equipe de acadêmicos se voltou à produção de um documentário que abordasse a história face demandas originadas da sua condição de trabalhadoras, mães e mulheres e, ainda, que valorizasse a importância da discussão de questões ligadas a este grupo.

Procurou-se analisar a valoração atribuída, no que tange à visão que possuem de seu papel e o efeito que isso causa em sua autoestima, pela população e por elas próprias, além de compreender o trabalho coletivo com as demais integrantes e a possibilidade de geração de renda através desse serviço.

Na ARPS a atividade de reciclagem é árdua e braçal, e descarta a divisão sexual do trabalho, uma vez que o grupo é formado majoritariamente por mulheres. Todo o serviço é separado de forma igualitária, e isso se dá em uma comunidade carente de estudos ou mesmo discussões sobre gênero. Sem ter aqui a pretensão de abordar a amplitude desse conceito, parte-se do princípio de que as construções sociais, que definem papéis e estereótipos, modificam-se velozmente e que, hoje, a figura feminina não é mais vista como tipo accidental, mas sim uma realidade de massa, que se encontra incomparavelmente mais próxima do gênero masculino (KOLLONTAI, 1978). Cabe aqui ressaltar que

⁴Docente do curso de Enfermagem e do Mestrado em Ciências de Saúde e da Vida do Centro Universitário Franciscano.

a desconstrução das desigualdades baseadas nas diferenças de gêneros é um dos motivos que levou o grupo a contemplar a visibilidade de um grupo do sexo feminino.

Assim, este artigo traz um histórico a respeito da Associação, uma perspectiva da reciclagem para a importância da conservação do meio ambiente e a adaptação da reciclagem como profissão, além de explicar o processo de produção do documentário audiovisual cujo título “Matéria”, remete à matéria-prima que constitui o sustento cotidiano dessas mulheres.

A ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORAS DA VILA PÔR DO SOL (ARPS)

O ambiente de trabalho das protagonistas dessa história situa-se no bairro Nova Santa Marta, onde as integrantes⁵ realizam a atividade de coleta/reciclagem de materiais sólidos. Desde 2005 a Associação trabalhava em um galpão cedido pelo Colégio Marista - onde constava apenas uma prensa e um caminhão para transporte dos materiais. O lugar, por ser de madeira, começou a se deteriorar. Com o auxílio da empresa Pallotti⁶, que assumiu parte das despesas do grupo alguns anos depois, foi construída uma nova sede no bairro Nova Santa Marta, com todos os maquinários necessários para a realização do trabalho de reciclagem.

Na sede, toneladas de resíduos sólidos são coletadas e passam para o processo de reciclagem todos os dias. São mais de 48 horas de trabalho semanais. Conforme relatos, durante sua trajetória, a equipe, que atualmente conta com 11 pessoas, já apresentou um significativo rodízio de integrantes. A Associação está em constante renovação de colaboradoras, já que várias colegas necessitam se afastar. Sempre que um integrante sai por motivos pessoais ou de saúde, outro chega para complementar o trabalho. Porém, nem só da realização de tarefas se constrói uma vida. As trabalhadoras relatam também a convivência em grupo. Muitas delas revelam ter a Associação como alternativa à rotina de casa e como fonte de renda para o auxílio nas despesas familiares. E é nas dependências da Associação que muitas encontram motivos para não desistir da atividade.

A entidade depende do apoio da comunidade e se une para seguir com o trabalho. O grupo enfrenta muitas dificuldades, até mesmo no que diz respeito às necessidades básicas para a sobrevivência. Risotos, sopas e outras atividades para arrecadar fundos são geridas e executadas pela ARPS. Além disso, em diversas ocasiões houve o apoio da população, uma vez que a ajuda com as contas como água e luz é uma necessidade permanente e um desafio que elas enfrentam.

Até 2014, a Pallotti era uma grande parceira que assumia os gastos de luz, água e também mantinha em boas condições o espaço onde a ARPS funciona hoje. Além disso, se responsabilizava

⁵ Integrantes: Ana Nara Medianeira Bencher, Andréia Gomes Jorge, Carmem Medianeira Pompeu, Carina de Fátima Bianchin, Eldia da Rosa Teixeira, Eliane dos Santos, Geraldo Dias Rezende, Gicelia Santos da Paz, Gislaíne Nunes dos Santos, Juliana Barcelos e Roselaine Nunes dos Santos.

⁶ Pallotti é uma entidade Palotina, da rede de Entidades Prestadoras de Serviço da Sociedade Vicente Pallotti, dos Padres e Irmãos Palotinos, com sede em Santa Maria.

pela oferta de momentos de lazer com a exibição de filmes, dinâmicas e suporte na área de saúde, como assistência médica e psicológica. Quando perderam o vínculo com a empresa, as necessidades e despesas cresceram e começaram a se arrastar.

No decorrer do desenvolvimento do projeto, em diversas tentativas, buscou-se contato com a Pallotti, para compreender de forma mais clara os motivos para o fim da filantropia na empresa e o encerramento do projeto. Todavia, a empresa não se pronunciou a respeito da questão e, ainda hoje, mesmo as integrantes da ARPS não sabem explicar como isso ocorreu e nem o porquê do encerramento da parceria. No entanto, reconhecem que a parceria com base na filantropia deixou a desejar no tocante à autonomia do grupo da ARPS. Sem o auxílio da Palotti, houve casos em que pessoas se propuseram a ajudar, levaram talões de contas para pagar, pediam cópia de RG das integrantes para contabilidade e desapareceram com os recursos já parcos, fazendo com que a confiança - e as contas - ficasse abaladas.

Por outro lado, é possível dizer que as integrantes da ARPS são exemplo de coletividade. Em meio a sacolas plásticas, garrafas, latas de refrigerante e papelão, o dinheiro ganho com a venda de materiais reaproveitáveis mal dá para sustentar a família e, mesmo assim, o grupo não pensa em desistir.

RECICLAR: UMA PERSPECTIVA DE ECOLOGIA HUMANA

A construção de cooperativas fundadas em benefício da ecologia tem sido objeto de estudo em pesquisas que apresentam a dimensão da atividade para amenizar o impacto ambiental dos resíduos sólidos urbanos. Por outro lado, é evidente que essa atividade dificilmente conta com o apoio do setor público ou privado, da própria sociedade civil e, ainda, por vezes, sofre discriminação por parte do corpo social.

De acordo com Zaneti (1997), nos últimos tempos, o homem tem poluído a natureza pelo consumo exagerado de produtos industrializados e tóxicos. O problema maior encontra-se na falta de conscientização entre os indivíduos. É por meio da reciclagem que a reutilização de matéria-prima extraída da natureza, torna-se viável. “Em consequência dessa avassaladora ênfase dada a ciência reducionista, nossa cultura tornou-se progressivamente fragmentada e desenvolveu uma tecnologia, instituições e estilos de vida profundamente doentios”, como afirma Capra (1990, p. 226)

Ser ecologicamente alfabetizado é, antes de qualquer coisa, assimilar os ideais da Ecologia. A sustentabilidade afirma que a sobrevivência de diferentes espécies no longo prazo, depende claramente de uma base circunscrita de recursos. Disso decorre que, hoje, o maior desafio dos seres humanos é contemplar suas inúmeras necessidades sem prejudicar as futuras gerações, e que estas possam fazer o mesmo.

Na ARPS, a reciclagem é vista como algo natural. A maioria dos integrantes da Associação não estudou além da quinta série do ensino fundamental e, mesmo assim, -fundamentos do processo

da reciclagem são passados entre suas famílias. Considerando a atividade de catadoras/recicladoras como um trabalho, a Associação assegura que em seus ambientes familiares o ensinamento de reciclar seja incorporado pelos parentes, principalmente as crianças. Estas aprendem, desde cedo, que palavra lixo não é a correta, mas sim materiais recicláveis. E desse modo, busca-se mudar a maneira como as pessoas olham para o universo da reutilização de matéria-prima.

A RECICLAGEM COMO TRABALHO

O trabalho que consiste em separar e catar resíduos recicláveis nas cidades é antigo e conhecido. A reciclagem, além de ser extremamente importante na redução da extração de recursos naturais para atender à crescente demanda por matéria-prima das indústrias, ainda ajuda a amenizar um dos maiores problemas da atualidade: o acúmulo desses resíduos.

Apenas 160 mil resíduos são coletados. O destino de 76% desses restos tidos como “inúteis”, ainda são conhecidos como os lixões a céu aberto. Assim, compreende-se que os efeitos da reciclagem são persuasivos tanto no campo ambiental, como no que diz respeito aos campos econômico e social.

A coleta seletiva é uma alternativa ecologicamente correta que desvia do destino em aterros sanitários ou lixões, resíduos sólidos que podem ser reciclados. Com isso, dois objetivos importantes são alcançados. Por um lado, a vida útil dos aterros sanitários é prolongada e o meio ambiente é menos contaminado. Por outro lado, o uso de matéria-prima reciclável diminui a extração dos nossos tesouros naturais. Uma lata velha que se transforma em uma lata nova é muito melhor que uma lata a mais. E de lata em lata o planeta vai virando um lixão... (MACHADO, 2014).

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA de 2013) no Censo de 1991 constava a atividade lixeiro. No Censo de 2000, a atividade de lixeiro foi substituída por catadores de sucata e somente no Censo de 2010 foi classificada como coletores de lixo e material reciclável, classificadores de resíduos, varredores e afins.

O maior percentual de mulheres coletoras de materiais recicláveis foi encontrado na região Sul, com 34,1%, enquanto o menor foi no Nordeste, 29,3%. O número de homens presentes que desempenham a atividade é de 68,9% contra 31,1% do sexo feminino. Segundo a pesquisa, essa variação tem a ver com o fato de muitas mulheres exercerem outras atividades, isto é, algumas catadoras podem não identificar esta função tal como seu afazer central, por manterem outra ocupação como trabalho principal.

Segundo Feitosa (2005), a separação de resíduos sólidos urbanos justifica-se por ser uma atividade de importância social relevante e ainda, carente de reconhecimento. Ela analisa a exigência da segurança para quem realiza a atividade. “Visando garantir não apenas renda, mas respeito e reconhecimento pelo trabalho realizado” (FEITOSA, 2005, p. 138).

As dez mulheres pertencentes à Associação de Recicladoras da Vila Pôr do Sol, ARPS, em contraponto à pesquisa do IPEA, consideram a profissão de recicladoras como a única fonte de renda própria, não dedicando seu tempo para outro tipo de serviço, assim como o único representante do sexo masculino que faz parte da associação.

Conforme pesquisa realizada por Martins (2003) os homens que atuam como catadores têm renda média de R\$ 611,10, enquanto as mulheres catadoras a média é de R\$ 460,54, o que equivale a 32% menos que a média de rendimento masculino.

Segundo análise de Feitosa (2005), no Galpão Rubem Berta, situado na cidade de Porto Alegre, a construção social e cultural do que seja masculino e feminino, e o que compete a um e ao outro realizar o trabalho, é aceita com naturalidade neste grupo. “Às mulheres cabem às atividades ‘leves’, aos homens cabem às atividades que exigem força” (FEITOSA, 2005, p. 103).

Já na Associação de Recicladoras da Vila Pôr do Sol, a situação se difere. A quantia paga a cada um dos onze membros da Associação se dá conforme os dias e horas trabalhadas no decorrer do mês. O expediente funciona de segunda à sexta-feira, das 8h às 17h, e a organização e o controle de presença são realizados através de uma folha ponto construída pela coordenadora, Ana Nara Medianeira. Em caso de doença ou apresentação de atestado médico, o dia conta como trabalhado, no entanto, só são aceitos dois atestados médicos a cada 30 dias. Em um terceiro afastamento, as horas perdidas são consideradas como falta ao trabalho.

O grupo recebe materiais recicláveis de quatro entidades diferentes do município, em turnos e dias distintos, porém, o valor arrecadado varia a cada mês, pois a quantidade de matéria-prima não é sempre a mesma. Conforme mencionado anteriormente, a ARPS possui onze membros, incluindo um trabalhador do sexo masculino. Nesse contexto o salário não sofre diferenciação conforme os gêneros, do mesmo modo que a divisão de trabalho ocorre de forma igual para todos e o valor pago no final de cada mês confere aos dias trabalhados. Em maio de 2016 o funcionário que trabalhou os 22 dias úteis recebeu o equivalente a R\$ 375,00, mas, para quem faltou algum dia, a remuneração é menor. Assim, constata-se não haver uma remuneração fixa. O “salário” varia conforme a quantidade de sacos que conseguem completar para a venda; o quanto de material o caminhão leva; o quanto se consegue produzir, e que tipos de materiais são mais prensados. Nada desse valor é retirado para as despesas da ARPS, como água e luz. Para isto, contam com a ajuda da Legião do Bem, uma entidade que abraçou o esforço do grupo em manter -se e passou a pagar os talões.

O PROJETO: DAS REUNIÕES À PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

O método utilizado no desenvolvimento do trabalho foi a observação participante e envolveu uma espécie de imersão na qual o grupo realizador se colocou simultaneamente, enquanto observador do contexto social e sujeito atuante no mesmo. A produção documental que teve como objetivo retra-

tar a vida das mulheres inseridas no universo da reciclagem, proporcionou aos acadêmicos a criação de um vínculo com o grupo ARPS. Em contato com as interlocutoras, isto é, as mulheres catadoras/recicladoras, visando a uma forma mais eficaz e honesta de observação, o grupo buscou eliminar ideias preconcebidas e/ou fazer juízo de valor. Nesse sentido, optou-se pelo trabalho com a entrevista aberta, em profundidade, uma vez que nela o caminho é incerto e define-se de acordo com as respostas do interlocutor, de sua subjetividade, da genuinidade do momento.

Ao mesmo tempo, o grupo buscou aprofundar os fundamentos em torno do processo de produção do documentário⁷, entendido como o coloca Lucena (2011): o filme documental registra o que acontece no mundo real. Segundo este autor, trabalhar com audiovisual é uma forma de nos relacionarmos bem com o mundo, uma maneira de compreendê-lo e de entender nossa relação com ele. Fazer documentário nos leva a criar considerações sobre alguma coisa que nos é muito próxima - ou que queremos descobrir - obriga-nos de certa maneira a elaborar um discurso sobre determinado objeto, alguma pessoa, uma comunidade, o mundo. No caso do projeto em questão, produzir um material abordando uma temática bastante persistente: o mundo da reciclagem, implica não apenas problematizar a temática em si, mas desenvolver um olhar atento (e sensível) a quem está diretamente envolvido nessa atividade e nos seus modos de operar.

Cabe ainda ressaltar, do ponto de vista da técnica da produção do audiovisual, a afirmação de Puccini (2009) de ser sempre bom ter em mente que um documentário é resultado de escolhas feitas pelo diretor, na articulação de seu discurso, por mais que situações nascidas do acaso sejam incorporadas ao filme. Por isso, ao escolher a temática da reciclagem e do universo de pessoas que trabalham com ela, o grupo já tinha noções do foco, e o documentário soube realizar os cortes necessários na criação e edição do audiovisual.

Para o desempenho das gravações no Bairro Nova Santa Marta, a fim de estabelecer um vínculo maior entre o grupo ARPS e os autores do projeto (acadêmicos do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano), a produção documental, que teve por objetivo retratar a vida desse grupo de mulheres inseridas no universo da reciclagem, foi produzida no decorrer de visitas.

No bairro Nova Santa Marta, local do ambiente de trabalho delas, pode-se conhecer uma realidade ofuscada pelo descaso do município e a área onde as integrantes da Associação passam a maior parte do dia desenvolvendo um trabalho que financeiramente, não é lucrativo. Em um primeiro estágio o grupo entrevistador foi recebido com receio, devido a alguns problemas enfrentados por elas (causados outrora por outros grupos de pessoas conforme já citado). A Associação que estava com a

⁷ O termo *documentary* (documentário) foi usado pela primeira vez no jornal New York Sun em 8 de fevereiro de 1936, em crítica escrita pelo produtor e documentarista inglês John Grierson. A palavra vem do francês - *documentaire* - que caracterizava os filmes de viagem. As primeiras projeções foram feitas em 1895 pelos irmãos Lumière no Café Paris, eram cenas cotidianas. De acordo com Sacchini, o documentário surgiu com o advento do cinema, e pode-se também entender que o cinema surgiu com o filme documentário, já que as primeiras filmagens registravam cenas do dia-a-dia de indivíduos e da sociedade.

confiança abalada, só se abriu ao projeto, por ser ligado ao Centro Universitário Franciscano e, por consequência, ter na professora Dirce, uma grande apoiadora.

Muito além de um trabalho a ser desenvolvido na academia, procurou-se conversar sobre problemas que o grupo vem enfrentando e do que precisam para uma melhoria nas condições de trabalho, na vida e na autoestima. Também se abordou a falta de consciência escancarada entre a sociedade, diante do trabalho que desempenham. Com o tempo, relataram a convivência em grupo e, principalmente, como atuam dentro da associação.

Utilizou-se como estratégia de apresentação, perguntas dentro de uma dinâmica coletiva, com o intuito de que todos pudessem se conhecer, bem como, identificar melhor quem são as verdadeiras envolvidas no processo de reciclagem, enquanto membros da sociedade santa-mariense.

Foram entrevistados parte dos membros da Associação, incluindo também, Geraldo Rezende (o único membro do sexo masculino atuante nela). Eles contaram parte da sua história de vida e do trabalho que desenvolvem para a sociedade. Na ocasião relataram como funciona o serviço realizado nas dependências da ARPS e o quanto é difícil manter a organização em pleno funcionamento.

Algumas das imagens coletadas foram direcionadas à rotina de trabalho realizada por elas como por exemplo, coleta de materiais no Colégio Marista do Bairro Nova Santa Marta e o seu deslocamento até a sede, trabalho de separação da matéria prima em esteiras dentro do conjunto onde fica o material, assim como prensa de objetos já separados e o seu transporte ao caminhão terceirizado da empresa Maringá Metais.

O trabalho de edição foi desenvolvido pela equipe de acadêmicos junto ao Laboratório de Produção Audiovisual, do curso de jornalismo do Centro Universitário Franciscano, com auxílio do técnico Jonathan de Souza e do acadêmico Matheus Oliveira, responsável pela produção da trilha sonora utilizada no documentário.

“MATÉRIA”: O DOCUMENTÁRIO

O documentário foi denominado “Matéria”, palavra que denota os seguintes significados: (a) qualquer substância que ocupa lugar no espaço; (b) substância do qual uma coisa é feita; (c) conteúdo, teor, assunto. De mais a mais, do latim *materiae*, derivado de *mater*, significa mãe. Uma boa representação do teor que o grupo quis passar, já que o conteúdo reciclável é uma matéria, as coletoras/recicladoras são, em grande maioria, mães e mulheres.

A construção desse projeto buscou importar-se com os detalhes expostos direta e indiretamente pela Associação ao longo dos encontros e rodas de conversa. A exemplo disso ressaltam-se os pequenos subtítulos-quais o “Matéria” foi construído. Pequenos papéis colados na parede da Associação - reminiscências das aulas de inglês que o grupo recebia por meio das atividades ofertadas pela Pallotti -, trazem palavras importantes que ajudaram a criar a narrativa do documentário.

Begin (começar) é o início dele, onde as integrantes falam sobre a história da Associação, como a entidade surgiu, de onde veio, como foi construída. *Split* (dividir) entra no assunto da questão salarial, de como dividir igualmente os ganhos, como é feita a separação do material, seu preço e as dificuldades do serviço. Nesse tópico é abordada também a participação da empresa Pallotti e a perda da ajuda financeira concedida por ela.

Work (trabalhar) aborda o momento em que as integrantes falam sobre a rotina de trabalho. Como é feito o processo de coleta e reciclagem e as empresas que auxiliam no transporte de materiais para a separação. No subtítulo *Wake* (acordar) as mulheres da associação falam sobre suas individualidades, sua infância, e um breve resumo de suas vidas.

Em *Meet* (encontrar) procurou-se tratar sobre a convivência que as recicladoras possuem, como elas se encontraram e como se firmou sua relação enquanto grupo. No subtítulo *Love* (amor) o assunto abordado é a família, filhos, netos, além disso, falam sobre como é o amor entre as colegas, como elas se consideram uma segunda família. O audiovisual termina com o subtítulo *Dream* (sonhar) que questiona as integrantes sobre o que elas gostariam de ser, se não desenvolvessem esse ofício, e os sonhos que tinham e ainda desejam realizar.

O “Matéria” tem 24 minutos e foi dividido nesses pequenos subtítulos apenas para contar a narrativa dessa “pequena grande” família, composta de mulheres fortes e homem que lutam pela sobrevivência da Associação todos os dias. Essa conjugação de verbos acontece diariamente em sua luta. Todo dia é um recomeço, um momento de amar e ser amado, de se conhecer, encontrar, encontrar-se e principalmente, um momento de sonhar. As mulheres da ARPS não pensam em desistir. Seguir em frente juntas é seu objetivo.

CONCLUSÃO

Trabalhar no projeto “*A invisibilidade em pauta: um olhar sobre o grupo de catadoras/recicladoras de Santa Maria*” foi muito gratificante e significativo tanto para a vida pessoal como profissional do grupo de acadêmicos. O documentário “*Matéria*” foi um projeto pensado e desenvolvido em prol da Associação de Recicladoras da Vila Pôr do Sol (ARPS), de forma que a personalidade de mulheres, tão importantes para a sociedade e para o meio ambiente, pudesse ser retratada e valorizada.

Suas identidades foram abordadas de diferentes formas, realçando-as como mulheres, atores sociais e, acima de tudo, trabalhadoras. Em virtude dos fatos mencionados, os acadêmicos constataram que o ambiente de trabalho é visto de forma positiva pela equipe da ARPS, mesmo diante das dificuldades. É um ambiente que fomenta a amizade, o companheirismo e a confraternização.

Trabalhadoras, inclusive sem conhecer a carteira assinada, que aspiram a um maior reconhecimento por parte da comunidade e dos órgãos públicos, ensinam, ainda, uma grande lição: lutar.

Lutar pelo que querem apesar dos obstáculos e seguir de cabeça erguida, com orgulho de serem mulheres e de terem escolhido a profissão que exercem.

Os acadêmicos, de modo geral, receberam aprendizados durante todo o processo de construção e idealização do projeto: materiais recicláveis não podem ser denominados lixo, a população ainda descarta de forma incorreta o que pode ou não ser reutilizável, ou seja, falta conscientização e respeito por parte da sociedade no que diz respeito ao trabalho desenvolvido por recicladores. A simplicidade e a autoestima encontrada na sede superaram todas as expectativas imaginadas. Uma situação incomum ao dia a dia dos acadêmicos que passam a perceber e aceitar as diferenças numa mesma sociedade, interagindo e reconhecendo a importância de cada pessoa em cada lugar.

Apesar das dificuldades em confiar e se abrir - a vinculação se deu gradativamente ao longo do projeto - os integrantes da Associação demonstraram apreço pelo trabalho realizado e se disseram contentes com os encontros. Mesmo sem falar para as câmeras, sem dar depoimentos, a situação nos “bastidores” foi de inteira importância para o crescimento pessoal e profissional dos entrevistadores. Foram histórias e vivências contadas e compartilhadas, experiências de vida passadas de um grupo de trabalhadoras para um grupo de estudantes.

Por fim, cabe dizer que, uma vez defendido o projeto dentro dos prazos institucionais, a equipe de acadêmicos retornou à sede da ARPS para relatar o processo da defesa e exibir o documentário junto ao grupo da Associação. Na ocasião, elas receberam cópias do material audiovisual em DVD e se mostraram muito sensibilizadas ao se perceberem como sujeitos valorizados e visibilizados.

REFERÊNCIAS

CAPRA, F. **O ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1990.

FEITOSA, D. A. **Cuidado e Sustentação da Vida**: a interface da educação popular no cotidiano das mulheres recicladoras. 2005. 165p. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1978.

LUCENA, L. **Como fazer documentários - Conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

MACHADO, N. F. A. Quantificação dos Resíduos Sólidos Gerados no Refeitório de uma Empresa Frigorífica na Cidade de Alta Floresta - MT. **Revista Eletrônica da Faculdade de Alta Floresta (REFAF)**, v. 3, n. 2, p. 1-19, 2014.

MARTINS, C. H. B. **Trabalhadores na Reciclagem do Lixo**: dinâmicas econômicas, sócio-ambientais e políticas na perspectiva de empoderamento. 2003. 211p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PUCCINI, S. Introdução ao roteiro de documentário. **Doc On-line**, n. 06, p. 173-190, ago. 2009.

ZANETI, I. **ALÉM DO LIXO Reciclar**: um processo de Transformação. Brasília: Terra Una, 1997.

